EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E FEIRA DE MACAU

COMO TRABALHAM LÁ FORA OS PORTUGUESES

TER uma atmosfera limpida, céu azul, horizontes dilatados, paisagens deliciosas de variedade e de côr não é talvez um dos melhores incentivos para que as energias do homem se despertem, e a sua actividade se torne produtiva. Pelo menos assim acontece com os portugueses, que vivem neste «jardim da Europa à beira-mar plantado».

Salvo honrosas excepções, raras vezes se encontram entre nós homens de verdadeira iniciativa, de sólida intensidade no trabalho, enérgicos e decididos, capazes de grandes emprêsas e cometimentos. Temos, sem dúvida, quem formule projectos arrojados, mas escasseiam qualidades de realização. Parece que nos rodeia uma atmosfera emoliente, que entorpece os músculos e atrofia a vontade.

É preciso que saia fora da sua pátria, ou da metrópole, que atravesse os mares, e respire ares diferentes, e veja estranhas gentes, e sinta o espinho da saüdade a pungir-lhe o peito, para que no português se manifestem as qualidades inatas mas adormecidas, de persistência e tenacidade, nos domínios da acção.

Muitos exemplos comprovam esta verdade, e pena é que êles se não divulguem entre nós, para que chegassem ao conhecimento de todos e servissem de estímulo aos fracos e ineptos, que nem sabem fruir as extraordinárias riquezas da opulenta e fértil terra que possuem.

Um dêsses belos exemplos fornece-o a realização da Exposição Industrial e Feira de Macau, em Novembro do ano findo. Ninguém, ou quási ninguém, em nosso país, teve conhecimento dêsse admirável certâme, resultante do esfôrço hercúleo de alguns portugueses, que se encontram naquela nossa remota possessão ultramarina, a única, pelos vistos, que não tem dado prejuízo ao Estado, e que, ao contrário, do Estado é credora.

Foi preparada com uma antecedência de alguns meses, por meio duma larga e bem organizada propaganda, a qual nos surpreende pela forma como, no extremo do oriente, e em terra nossa, é compreendida já a publicidade moderna nos seus principais meios de eficiência: cartazes, prospectos, etiquetas para correspondência, artigos nos jornais, um guia de Macau, catálogos da exposição, etc.

O local escolhido foi a esplanada de Mong-Há, ocupando a feira uma área de oito hectares de terreno, onde se construiram sessenta pavilhões, na maior parte de estilo oriental, mas vendo-se também alguns de características portuguesas, inglesas e holandesas, não esquecendo a velha casa portuguesa, que serviu de modêlo ao pavilhão da Livraria «Portugália», de Macau.

Recorreu-se a todo o género de atractivos: o teatro, o cinematógrafo, os jogos desportivos, um lago dentro do recinto da exposição com uma margem de mais de quinhentos metros, prèviamente arrelvado, onde havia oito lindos barcos de recreio, e ainda a roda eléctrica, o carrocel, o lôto, rifas, roletas de recreio com prémios, barracas de prestidigitação, tiro ao alvo, tômbola e muitos outros divertimentos.

A afluência de expositores foi grande, salientando-se os produtos locais, alguns dos quais mencionamos, para que se ajuize melhor do valor industrial da colónia: águas gasosas, acharas, géneros alimentícios, algodão, anzeis, azeite de amendoim e de ostra, artigos de bambú e rota, cal, chá, tabacos, conservas de fruta, cortumes, drogas, estatuetas gentílicas, tecidos, ferragens, fósforos, joalharia, molduras, obras em papel, panchões, peixe salgado, pivetes, sabão, tijolos e ladrilhos, velas de sebo, vinhos chineses, vidraria, e artigos de carpintaria, alfaiataria, pintura, tanoaria, padaria, etc. Muitos dêstes produtos, como se vê, não são conhecidos entre nós. Passou de seiscentos o número de expositores. Mas alguns dêles, os que tinham pavilhões próprios, em número de quarenta, apresentaram também vinhos nacionais e estrangeiros, livros e objectos de escritório, artes gráficas e encadernação, artefactos de malha, cimento e tijolos, artigos de charão, cobre e ourivesaria, antiguidades, lanifícios, sêdas, marfins, pastelaria e outros da mais variada origem.

Aos expositores foram dadas as maiores facilidades e conferidos numerosos diplomas. Durante os dias da exposição, registou-se um número de 289:536 entradas, sendo o número de forasteiros, que foram a Macau, superior a 90:000 pessoas. As informações, que gentilmente nos foram fornecidas, afirmam que fica-



Cliché foto. de A. Almeida

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E FEIRA DE MACAU
Pavilhão chinês, da casa Merchants Tobacco (Premiado com medalha de prata)



Cliché fotográfico de A. Almeida

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E FEIRA DE MACAU

Á esquerda: Pavilhão da Livraria «Portugália»; á direita: The Goat and Compasses (Premiados com medalhas de prata)

ram bem compensados os sacrifícios pecuniários feitos pelo govêrno da colónia.

Não podemos concluir êste relato, — um pouco longo por causa da sua importância, para que fique registado numa revista portuguesa aquele esfôrço titânico, — sem mencionar os nomes dos nossos ilustres patrícios e naturais de Macau que formavam a comissão organizadora, a qual era constituida, além do governador, seu presidente honorário, pelos snrs.: engenheiro João Carlos Alves, director das obras dos portos; Manuel Monteiro Lopes, gerente do Banco Ultramarino; comendador Lu-Lim-Lêc; João Gregório Fernandes, capitão de fragata; Vítor de Lacerda, major reformado; José Maria Lopes, capitão-tenente; Henrique Nolasco da Silva, advogado; Frederick Johnson Gellien, gerente da Macao Electric Lighting C.º L.dt; Feng-Tsêc-Lam, capitalista; José Vicente Jorge, chefe da Repartição do Expediente Sinico, aposentado; António Maria da Silva, sub-chefe da Repartição do Expediente Sinico; Artur António Tristão Borges, escrivão da Capitania dos Portos; Padre Manuel José Pita, missionário; Hü-Cheeng, capitalista; Afonso da Veiga Cardoso, administrador do concelho; Gaudêncio da Conceição, comandante do Corpo de Salvação Pública, e João Barbosa Pires, chefe da Propaganda do Pôrto.

Costumamos recordar-nos de Macau apenas quando ouvimos falar na gruta de Camões.

Como se vê, alguma coisa por lá existe, contudo, modernamente, bem digno da nossa consideração e que merece especial registo.



Cliché fotográfico de A. Almeida

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E FEIRA DE MACAU — LAGO DA EXPOSIÇÃO